

MULHERES EM RÓDA

agroecologia,
memória e
saúde



MULHERES EM RÓDA

agroecologia,
memória e
saúde

Estar em roda é sair da zona de conforto.
Aprender com cada uma, em movimento.
É amizade e aprendizagem.
Acolhimento, aconchego, cuidado.
Compartilhar entre nós o que aprendemos
com nossas mães e nossas avós.
Cada uma com seus hábitos,
costuras e costumes.
A gente faz de um jeito,
a outra faz de outro.
É estar em comunhão:
de experiências, de histórias.
É a alegria de viver junto
e se sentir enredada.
Sorrir juntas, cantar juntas, chorar juntas.
Porque sozinha a gente não vive.

Relato poético

1ª Edição
2024





Fotografias que mesclam acaso, intenção e palavras – vivas – revelam como mulheres que se dedicam cotidianamente ao cuidado da terra e da natureza transformam paisagens, pessoas e coisas. Geram e gerem vidas, cada uma à sua maneira.

As mulheres, que aqui nos dão licença e, de forma generosa, compartilham histórias, ideias e visões, estão ligadas por fios, visíveis e invisíveis, que tecem uma rede agroecológica, em comunidades urbanas e rurais, na região metropolitana de Belo Horizonte.

Este material pôde vir à luz por meio do Projeto Mulheres em Roda - agroecologia, memória e saúde, via Termo de Fomento nº 929393/2022, celebrado entre a Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE) e o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome.

A todas, dedicamos e agradecemos!





SUMÁRIO

Katorã Kamakã	6	Rosângela	42
Alexandra	9	Beatriz	45
Ana	12	Liza	48
Elen	15	Elza	51
Claudineia	18	Joana	54
Magna	21	Leidiane	57
Marcilene	24	Isabel	60
Júlia	27	Sirlei	63
Helena	30	Neuza	66
Maria José	33	Lia	69
Mame'tu Kitaloya	36	Genoveva	72
Renata	39	Receitas	76



KATORÃ KAMAKÃ

Sou vice cacique Katorã no território kamakã Mongoio, em Brumadinho. Chegamos aqui nesse território já vai completar 03 anos. Me sinto bem aqui, trabalho com artesanato e agricultura. Gosto muito de trabalhar... Trabalhar com as plantações e com o artesanato. Aqui tem tudo que a gente precisa!

A terra é vida!

Sem ela, a gente não vive. A gente planta, a gente colhe. Sem a terra, não tem como! Sem ela, você vai viver de tudo comprado. Me sinto conectada com a terra. Com as plantas, eu me sinto tão bem que até converso com elas. Viver na natureza é maravilhoso, sentir que você está no verde.

A retomada desse território é muito importante. A gente vê as crianças serem mais felizes, conectadas com a terra. Tem crianças aqui que adoram mexer na terra, colocar a semente na terra.

Eu vivia na cidade e não tinha onde plantar nada. Tudo era comprado e não era um alimento saudável. Hoje a gente tem o alimento saudável aqui. Não tem coisa melhor do que você ir no seu quintal e colher aquilo que você plantou com as suas mãos; e ensinar os seus filhos e netos como é plantar. Meu netinho me chama sempre: "Bora vovó, eu quero plantar!".



FORAM VOZES ANCESTRAIS
QUE NOS GUIARAM ATÉ AQUI!

A luta indígena tem uma grande importância, pois podemos nos ajudar com ela e ajudar quem está precisando. Estando aqui a gente vai poder retribuir o que alguém um dia fez para nós! Pelos nossos familiares também, que precisam de um cantinho para ficar.

MULHERES EM RODA

Me sinto bem com elas. A gente aprende muitas coisas diferentes, elas aprendem com a gente e a gente com elas. São pessoas alegres, que não deixam a gente ficar triste. A gente gosta de ficar no meio delas, aprendendo e fazendo parte dessa alegria.



ALEXANDRA

Sou Alexandra, agricultora urbana da Ocupação Paulo Freire, na região do Barreiro, em Belo Horizonte, pesquisadora em agricultura urbana e incentivadora do plantio doméstico.

Antes de plantar aqui na horta, eu plantava na laje. Teve uma época que produzi tanta berinjela naqueles tambores de máquina de lavar, que eu já não sabia mais o que fazer com tanta berinjela [risos].

A terra, para mim, é o meu alicerce. É vida, é renascimento, é força! É minha psicóloga [risos]. Às vezes, a gente chega triste aqui, senta ali, mexe aqui e vai... quando vê, já tá até cantando. As plantas são companheiras, fiéis, amigas. Não me vejo mais fazendo outra coisa, voltando a trabalhar em outro lugar.

As lutas da agroecologia combinam muito bem com a luta por moradia! Aqui na ocupação, antes de ter a horta, ninguém plantava. Só algumas pessoas que plantavam em seus quintais. Tem pessoas que começaram comprando uma mudinha na minha mão e hoje têm várias, tem hortinha em casa.

Pegar um espaço degradado, como era esse aqui, e transformar como está hoje... Essa é a história mais marcante para mim, porque ninguém dava nada, as pessoas falavam assim: "Essa mulher é louca, vai fazer uma horta ali. O que ela vai colher naquele lixão?". E eu falava: "Vocês vão ver!". E quando deu os primeiros alfaces e acelgas gigantes, todo mundo calou a boca [risos].



MULHERES EM RODA

A gente vê mulheres que conhecemos de uma forma e hoje estão transformadas. Acho necessário esse movimento em círculo, esse ajuntamento de mulheres. Hoje temos a tecnologia a nosso favor, mas vem muita informação destorcida e nos encontros podemos passar informações certas. É um espaço em que muitas que se acham diminuídas têm a oportunidade de se abrir, de conversar e aprender.





ANA

Sou Ana, moradora do bairro Vitória [na Ocupação Izidora], Belo Horizonte, mexo com agroecologia na periferia. Sou alegre e feliz! Gosto de mexer com a terra, dar carinho para as minhas plantas, mexer no quintal. Planta, para mim, é tudo, é vida, é harmonia, felicidade. A planta que eu mais gosto é de todas.

Aprendi a plantar depois que cheguei aqui na ocupação. Eu tinha muita depressão, fazia tratamento com psicólogo, cheguei a ficar internada. Na época, veio a ocupação, a gente ocupou aqui e foi aprendendo. Chegou a Tatiana e falou: “Vamos plantar aqui sem veneno” e a gente foi pegando e plantando, agora peguei o ritmo e não quero parar mais.



**Terra, para mim, é vida:
a mãe terra cuida de nós
e a gente cuida dela!**

O dia que eu passei mais aperto de mexer com a terra foi o dia que usei o tratorito pela primeira vez. A Helen e o Dão fizeram sacanagem comigo: soltaram o tratorito na minha mão e eu fiquei sem conseguir governar ele e fiquei gritando ajuda [risos]. Eu sofrendo com o tratorito! Caí, levantei e ele saiu andando sozinho. Aí eles vieram me socorrer [risos].



MULHERES EM RODA

A gente ter liberdade com o que a gente sente, aonde a gente vai, o que a gente faz da vida da gente, ter liberdade para conversar, para fazer as reuniões. Eu gosto dos encontros porque é muita sabedoria, troca de saberes, experiência que você pega com a outra. Às vezes a gente não sabe fazer uma coisa e a outra ensina pra gente. Mulheres em roda é tudo para mim!



ELEN

Sou Elen, mineira, mãe de três filhas e tenho três netos maravilhosos. Divertida, alegre, animada! Hoje vejo claridade, antigamente só via a escuridão. Hoje a Elen existe, hoje consigo ver a Elen que não via antes. Hoje tenho ânimo para fazer tudo, para brincar, para curtir. Gosto de conhecer gente diferente, conversar, sair.

Tem pouco tempo que estou começando a viver essa nova vida, de uma nova Elen. Conhecer o mundo, me colocar para fora e me mostrar quem eu sou de verdade. Eu não vivia.





MULHERES EM RODA

Estar com outras mulheres foi uma coisa maravilhosa, uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida. Eu não tinha muitos contatos, sempre me fechava. Por não ter contato com ninguém, eu tinha medo, eu preferia ficar naquilo ali.

Quando tiveram os encontros de mulheres, vi cada uma contando as suas histórias, vi que ali eu poderia ser acolhida, que ali estava todo mundo para me ajudar e foi me trazendo aquela vontade que eu não tinha de viver, e sim de ficar sozinha. Aquilo me fez bem, tanto que me fez aconchegar com as minhas filhas. Mulheres em roda é conversar sobre o passado, sobre o presente e o que você quer para o futuro.

Participar dos encontros me incentivou, porque eu não gostava muito de mexida com terra. Hoje eu já tenho ânimo. Tudo que vejo, eu quero plantar. Tudo que eu vejo de diferente, eu quero tentar fazer uma receita. Eu quero colher, quero pesquisar, quero ver como eu uso aquilo. Quero fazer!

Perto da terra, eu sinto tranquilidade, paz. Você vai mexendo naquilo ali e vai te tirando aquela energia ruim, você tem um contato ela já renova sua energia. Você volta a viver, acorda para a realidade.





CLAUDINEIA

Sou Claudineia, moro na Ocupação Alto das Antenas, no Barreiro, Belo Horizonte.

Tenho um casal de filhos e sou casada. Cresci, junto com a minha família, mexendo com plantação. Trabalho muito com as mulheres, fazendo rodas de conversa para ajudar as mães e famílias que estão passando por alguma dificuldade. Nesse momento, estamos ajudando outras mulheres a construir no projeto Arquitetura na Periferia.

Vim para a cidade para trabalhar, na roça era mais difícil, porque trabalhava de meeira e muitas das vezes eles não dão o devido valor às mulheres. Então, vim para Belo Horizonte com esse

intuito: trabalhar e ter uma condição de vida melhor. Vim para trabalhar de doméstica e, nesse tempo, aprendi muitas coisas. Com o que mais me identifico hoje é com plantação de horta e de ornamentais. Sempre gostei demais!

É o que mais me satisfaz, não é você fazer só pelo dinheiro, é a conexão com a terra, com o ar, com o ambiente. É muito bom!

A terra me dá muita felicidade e me pede para vir aqui e cuidar dela. Pede para estar aqui nesse ambiente de convivência, com as mulheres que trabalham com a gente. Eu sinto muita felicidade de estar nesse meio, de cultivar e de alimentar, porque eu gosto de comer coisas saudáveis. Eu amo estar aqui, acho que esse é o meu chamado, estar em conexão com a plantação.

MULHERES EM RODA

Significa muito, porque estamos junto com mulheres que têm desafios diferentes. Fiquei pensando na Joana, que trabalha com a cana e é aquele trabalhão todo e, às vezes, nem a gente mesma dá valor. E algumas ainda trabalham fora. Isso mostra que para gente fazer dar certo, não tem uma receita, você que tem que pensar a forma e usar o tempo a seu favor para fazer as coisas darem certo. Tem que cultivar, não pode deixar que a falta de tempo e os outros afazeres façam morrer essa vontade dentro da gente.



MAGNA

Eu sou Magna Oliveira, filha de José Pedro de Oliveira e Efigênia Leocádia de Oliveira. Sou mãe da Sarah, irmã, tia e sou amiga, também. Essa é a minha forma decolonial de me apresentar. Agora, minha forma colonial: sou graduada em comunicação social e mestre em educação pela Faculdade de Educação da UFMG. Sou contadora de histórias e gestora desse espaço agroecológico urbano em Belo Horizonte, que é o “Cantinho do Beto”. Que hoje é o “Canto das Betas”, porque as filhas do Beto hoje ocupam e cuidam do espaço.

É tudo um aprendizado! Meu companheiro [o Beto – em memória], que era esse cara que tinha esse entendimento de mundo, essa ligação e deixou esse legado e, a partir disso, eu comecei a enxergar esse lugar. Enxergar a terra, enxergar que a gente é terra, enxergar que eu sou extensão dessa natureza. Cuidar disso, ver isso frutificar e dar resultados.

A terra tudo dá, isso é real, isso é de verdade! Saber que a gente é parte disso dá vontade de cuidar cada vez mais e ficar triste com tudo que está acontecendo hoje. Com essa grande mãe natureza que está sendo muito desrespeitada.



MULHERES EM RODA

Acho mulher uma potência, a gente gesta, a gente gere. A gente é muito especial! Depois de Deus, se tem uma sacralidade, presença, é a mulher. Estar em roda com mulheres de expertises da terra, trazer a religiosidade e misturar esses saberes e fazeres e sair coisas maravilhosas disso, para mim, é um estado de graça! Saber que ainda tem essa quantidade de mulheres envolvidas com a terra... E, talvez, seja por isso que ela ainda está aí, nos favorecendo com um monte de coisas.

É uma energia de potência; apesar de, às vezes, ter algumas rugas que apagam esse encantamento. A gente precisa estar nesses espaços trazendo temáticas diversas, porque tem o encantamento com a terra, mas também tem nossas vivências sociais, nosso entendimento no mundo.

Se tem uma mulher negra no espaço da cozinha, de fazimento, de colhimento, a gente tem o entendimento de que aquele é o lugar dessa mulher; mas se a gente vê essa mulher num lugar de poder, de liderança, de protagonismo, a gente tem mania de estranhar, de duvidar dessa capacidade de entendimento e de proliferar isso: "Como ela vai ensinar, quem é ela para ensinar? Ela não cabe nesse lugar". Precisamos desenvolver temáticas sobre a diversidade, nesse entendimento maior, pois ainda precisamos quebrar arestas.



MARCILENE

Sou Marcilene, sou uma mulher negra. Já fui filha, hoje sou mãe. Adoro plantar, adoro colher, adoro cuidar e cozinhar.

Tenho uma relação de amor com a terra. Um amor de filha. Eu sou a filha e a terra é a mãe. Da terra tiramos todo nosso sustento, todo alimento que a gente precisa. Como uma mãe que amamenta o filho. Se não for isso, a gente não consegue viver. Da terra eu tiro os ingredientes para preparar várias coisas gostosas que eu aprendi com a minha mãe, com as minhas avós, com várias pessoas.

Hoje, as pessoas vão ao supermercado, compram várias coisas prontas, mas não sabem que tudo que está ali vem da terra. Não existe nada que não saia da terra, mesmo o que o homem beneficiou ou transformou.

Sempre lembro da história de uma senhora que morava no sertão, para os lados de Corinto. Ela trabalhava na roça, estava grávida e plantava na vereda, gergelim e várias coisas. Um dia, ela estava com fome, não tinha levado a matula e achou uma melancia. Ela disse que comeu essa melancia com tanto gosto. A terra voltou o alimento para ela e para o filho dela. Eu achei essa história muito bonita!

MULHERES EM RODA

Foi um acalento muito grande para a minha alma, pois entre essas mulheres, a gente vê, verdadeiramente, quem a gente é. A gente mostra o tanto que o amor é feminino. É o amor que constrói relações, é o amor que cuida de todo mundo, que nos deixa vivo, que nos dá esperança. Isso as mulheres sempre tiveram.

Eu vejo que, apesar todo o tempo, de tanta tecnologia, de tanta coisa boa, a gente ainda cultiva essa coisa, esse cuidado, esse amor. É muito bonito estar em roda por causa disso: uma aprendendo com a outra, uma ensinando a outra. Isso é muito legal!



JÚLIA

Sou Júlia, sou agricultora urbana e moro no bairro Ribeiro de Abreu, em Belo Horizonte. Vim do interior com um pouco de conhecimento sobre agricultura e hoje produzo hortaliças no meu quintal. Faço produtos processados, como pães, conservas, temperos e molhos, usando coisas do meu quintal. Gosto de fazer de tudo um pouco e trocar informações sobre as plantas.

Aprendi no interior como fazer um pão, um doce, mas depois que vim para Belo Horizonte, eu consegui aperfeiçoar muita coisa. Eu fico muito orgulhosa em fazer essas coisas, ter encomendas e agradar as pessoas, sempre fazendo alguma coisa que as pessoas gostam. Isso é muito bom!



A terra, para mim, significa saúde, de onde tiramos os nossos alimentos. Saúde mental e do corpo. Quando estou mexendo na terra, esqueço de tudo.

O que mais me marcou, que sempre lembro e conto, foi o curso de hortas. Aprendi a produzir hortaliças sem agrotóxicos. Ter participado das oficinas, das visitas e intercâmbios foi muito, pois, na época, eu tinha na cabeça que precisava usar produtos químicos. Foi maravilhoso esse curso e esse envolvimento, gratificante.

MULHERES EM RODA

Me trouxe o prazer de conhecer outras pessoas, de outras regiões, saber o que cada uma faz. Também gostei das receitas que foram feitas. Me senti uma pessoa grandiosa em poder compartilhar um pouco do que eu sei, do que eu aprendi. O aprendizado foi muito maravilhoso para mim!





HELENA

Sou Helena Gonçalves da Silva Martins, moro no Ribeiro de Abreu [bairro de Belo Horizonte] há 43 anos. Vim para o Ribeiro aos 13 anos e da terra eu tirei tudo. Nosso costume era plantar batata doce, cará, cana e mamão nesse lote. A situação foi muito difícil, então, a gente teve que plantar de tudo pra gente colher.

Minha mãe sempre falava: “Você não gosta de plantar, você não gosta de molhar”. Eu achava mais fácil colher, né, do que plantar. Mas com o tempo eu fui aprendendo...

A terra, para mim, é tudo! Aqui, a gente teve muita dificuldade com a terra, não nascia nada. Eu falava com a mãe: “Mãe, a senhora comprou um lote ruim demais, aqui não vinga nada”. Aí ela falou: “Nasce sim, vive sim, depende de insistir com a terra. Você vai ver daqui um ano”. E ela foi plantando... e se nasceu, viu?! Você tem que ver! Ela foi plantando tudo. Agora, na véspera dela partir, ela falou: “A única coisa que eu não vou chupar, Lena, vai ser a jabuticaba. Vai ficar para os meus netos”.

As plantas são tudo para mim, agora são tudo [risos]. Eu nunca pensei, na minha vida, que o urucum ia ser quase que a minha

fonte de renda. Como que alguém te dá uma coisa pensando lá na frente? Hoje, eu sei que delas eu tiro tudo.

A cozinha, a terra e as plantas são tudo para mim. É a coisa que eu mais gosto de fazer: pegar um fruto, lá, o que está na terra, chegar no meu fogão e produzir. Uma hora dá certo, uma hora dá errado. É aprendendo. Mas o meu gosto maior é trabalhar, dizem eles que é o dom do meu pai. Meu pai que fazia isso.



MARIA JOSÉ

Sou Maria José Magaton Costa, agricultora, mãe e avó. Eu planto medicinais e faço produtos cosméticos com elas. Gosto de mexer com as plantas e, de vez em quando, eu conserto roupa, mas não estou mexendo muito para fora, não. Eu fico muito feliz de falar sobre as plantas medicinais, de explicar.

Adoro os meus netos, mas eu não tenho tempo mais para criar. Eu criei meu neto levando para os cursos de horta, mas minha vida, agora, é outra, porque eu tomei a decisão de ir para feira. Na correria, não tem mais como ficar levando menino. Gosto muito deles, eles adoram as plantas também!



MULHERES EM RODA

Foi um fortalecimento para nós. Eu sou difícil de convivência, eu fico mais no meu mundo mesmo, mas quando me convidou, eu falei: "Vou sim, para aprender. Sair do meu mundo de conforto". Foi conhecimento, aprendizado. Com a cabeça de cada pessoa você aprende. Adoro aprender!





A terra, para mim, é para plantar. Igual eu falo com a minha vizinha: "Eu acho esquisito a terra pura". Igual eu, que mexo com plantas medicinais, ia ficar um pouco estranho se fosse só as plantas. Cadê os pés de fruta? Tem que ser misto, eu tenho cebolinha, salsa, couve, milho, abóbora, acerola. Eu não posso ver uma acerola, que eu quero colher. Acho que traz aquela energia.



Quando minha irmã teve AVC e ficou no CTI, eu chegava de lá e já ia para plantação. O pé estava lotado e aquilo que me deixava melhor, eu já estava entrando em depressão. Se eu tivesse meio assim, elas traziam coisa boa para mim e eu conseguia dormir.



MULHERES EM RODA

Eu gostei de participar! Você passa a conhecer as pessoas, fica mais esperta com as coisas, aprende mais. Eu senti uma diferença. Tanto de mulher bacana! Eu me senti à vontade. Você fica com liberdade, sente mais confiança. Entre as mulheres, a gente fica mais segura. Com mulher, você acaba se abrindo mais.





MAME'TU KITALOYA

Sou a Mame'tu Kitaloya, sou fundadora e dirijo uma Unidade Territorial Tradicional, no bairro Álvaro Camargos [BH], chamada Arca Brasileira Jacutá de Iansã. Dentro dessa Associação existe um braço religioso com o nome de Nzo Atim Kitalodé. Estou aqui, nesse local, há mais de 33 anos. Sou do povo Bantu, da nação de Angola Muxicongo. Na minha linhagem sacerdotal, sou bisneta do Joãozinho da Gomeia, neta de Jitadê, que hoje são ancestrais, e filha de Inkisi de Tate'to Sessi Itaocy.

O que mais gosto de fazer é curtir os meus filhos, meus iniciados. Sou mãe biológica de 3 filhos, tenho 2 filhas adotadas, mais de

150 filhos feitos e 60 me acompanham. O que mais gosto de fazer é viver para o Santo, viver para o Inquice. Me traz uma energia muito grande! Descobri, recentemente, que gosto de trabalhar com o social. Essa descoberta, aos meus 60 anos, tem me dado muitas alegrias.

A terra, para mim, é responsabilidade; a terra, para mim, vem de uma luta muito grande. Foi assim que eu me envolvi com o social, pela luta pela terra e pela legalização da minha Unidade Territorial. Eu sou da terra, nasci na roça, no interior de Minas Gerais, em Ituiutaba. Minha adolescência foi na lavoura, na horta. A terra, para mim, é o meu início, está sendo o meu presente e acredito que é o meu futuro.

A terra é um ser sagrado, de onde eu vim, para onde eu vou. A terra é importante para a nossa sobrevivência, principalmente para a nossa alimentação, não só do corpo físico, mas é através da terra que alimento o meu sagrado, os meus encantados.

Desde pequena eu já trabalhava nela, cultivando, também, plantas medicinais. Aprendi muito com a minha avó e hoje coloco isso em prática aqui.



MULHERES EM RODA

Basicamente, eu vivo para o Santo, para o sagrado e aqui tem mulheres de vivência. Com o projeto, foi como se eu tivesse saído do meu ambiente natural, da minha comunidade, e aprendido com mulheres de outros lugares, com outras visões, com outra compreensão da vida no campo e familiar. Foi significativo para mim entender o pensamento diversificado dessas mulheres, cada uma traz um aprendizado diferente, que se somam.



RENATA

Sou Renata, mãe do Arthur e do Thomaz. Sou promotora em agroecologia, agente socioambiental e agricultora urbana. Atuo como voluntária e presto serviço em um projeto social. Também sou trilheira - adoro estar na Serra do Rola Moça.

Estou na agroecologia desde 2022, de onde não consigo mais sair. A agroecologia é o lugar que me sinto pertencente.



MULHERES EM RODA

Experiência maravilhosa, falar de economia feminista com mulheres potentes e de muito saber, foi uma troca muito bacana, uma imersão ao conhecimento e valorização da mulher no contexto profissional. Agroecologia é vida! Sem feminismo não há agroecologia. Seguimos juntas!

Adentrar nos cantos e encantos de outros territórios, saber das histórias, cultura, hábitos...isso me traz satisfação. Estamos todos conectados, em lutas por qualidade dignidade de vida. Buscar pelos direitos da segurança alimentar, justiça social e ter voz, estamos confluindo nossos sonhos, projetos.

Estar em uma horta, mão na terra, com respeito à Gaia, que alimenta nosso corpo, nosso espírito, é uma troca de energia e vibrações, é terapêutico.





ROSÂNGELA

Sou Rosângela Simões, sou de Belo Horizonte e vim para Ribeirão das Neves. Costumo falar que Ribeirão das Neves foi a cidade que me escolheu e acolheu para viver. Tenho 64 anos, mãe de 8 filhos e avó de 6 netos. Sempre atuei nos movimentos sociais. Comecei com os movimentos de juventude na igreja católica, depois vim para a questão da moradia. Sou uma mulher que gosto de passear, gosto de música boa, sou carinhosa e luto pelos meus direitos.

Fizemos várias ocupações e uma das primeiras na região de Belo Horizonte, nos anos 90. Foi muito forte esse movimento de moradia e, com isso, começou todo um trabalho. Na época, eu não tinha muita experiência, mas precisava de casa, porque tinha perdido a minha, sofri violência psicológica e patrimonial. Tive que pagar aluguel e correr atrás dos meus direitos.

Foi uma luta muito grande e, através daí, vieram as outras lutas, porque não é só casa que a gente conquista. Veio a questão da saúde, da água para o local... E começou um trabalho com as mulheres. Achei importante esse trabalho, porque começamos a enxergar a violência contra as mulheres. Não só a violência doméstica, mas em geral, psicológica, patrimonial, todos os tipos de violência. E, dentro desse trabalho com mulheres, eu enxerguei que tinha a questão das mulheres negras. Dentro dessa mulherada, as negras eram as que mais sofriam todos os tipos de violência e tinham os piores trabalhos.

Eu aprendi a mexer com a terra. Eu não tinha essa convivência com a terra. Seis anos atrás, eu não sabia plantar um pé de milho. Eu pensava que era muda de mandioca que plantava, não sabia que era a própria mandioca. Comecei a ver as coisas boas que saem da terra. Terra é tudo, terra é pão, da terra sai tudo!

A cozinha tem história, para mim é tudo! Eu tenho um amor pela cozinha, chego até a ter ciúmes [risos]. Aprendi a cozinhar com a minha tia, que morava nos fundos de casa, porque minha mãe não gostava muito de cozinhar. Eu fui aperfeiçoando, muita coisa que eu faço, eu mesma invento, vou inventando. Quer me deixar feliz, é só me deixar ali, cozinhando, na tranquilidade. É tudo de bom, eu adoro!



BEATRIZ

Sou Beatriz, mãe de 3 filhos que são maravilhosos e meus companheiros. Sou gestora pública e estudei filosofia. Atualmente, estou na Cooperativa de Mulheres, tocando um projeto bacana. Sou uma mulher feliz e bem resolvida com as minhas coisas. Claro, tenho muitos sonhos, muitas coisas ainda para fazer... Amo viajar, adoro ler e escrever. Ainda vou publicar o meu livro!

Gosto muito de filosofia, da cultura holística. Já li muitas coisas e gostaria de compartilhar o conhecimento de uma forma mais simples, com uma leitura mais fácil.



MULHERES EM RODA

Mulheres de mãos dadas em uma corrente, em um elo para vencer esses obstáculos que vêm contra a gente. Nós sabemos que as mulheres, em todos os aspectos, são as mais prejudicadas. A roda é uma corrente, é um elo, uma ligada à outra. Assim que a gente consegue vencer, em unidade.



A terra é mãe, a terra é sabedoria. Ela é sábia, ela que fornece tudo, nosso sustento, nosso respiro. Dela vem tudo. Então, para mim, ela é nossa essência. É a minha essência!

Quando a gente sonha com algumas coisas, vai agregando pessoas na nossa vida. Aquilo que a gente sonha e deseja vai atraindo pessoas que têm esse mesmo dinamismo. Então fui encontrando pessoas, mulheres, ao longo da caminhada, não só aqui, mas também em outros projetos.

A Cooperativa veio, a princípio, de uma necessidade. Tinha mulheres em situações difíceis, sem trabalho e com muitos conhecimentos, e a terra estava parada. Então, veio a ideia de juntar e plantar no espaço, sem uso de agrotóxicos e venenos. É algo que me realiza, ver que a gente pode, com o mínimo, construir muita coisa juntas e de forma coletiva.



MULHERES EM RODA

Roda já significa que você não está sozinha. Dar as mãos, fortalecer. Se juntar com aquelas pessoas, que estão de outro lado, às vezes distante da gente, mas fazendo a mesma coisa. Viver em roda é viver de forma coletiva, uma compartilhando com a outra, uma dando a mão para outra. Não só do trabalho, mas de vida. Cada uma tem seu saber, intelectual, cultural, popular.





LIZA

Sou Liza, sou uma mulher do campo, nasci no interior do Paraná e morei muito tempo na zona rural. Sou mãe de 4 filhos. Moro na comunidade da Lapinha, em Morro do Pilar. Sou produtora de alimento. Formei em licenciatura do campo, na UFMG e agora estou no mestrado, trabalhando com as plantas medicinais. Promovemos a Arca das Letras...sou educadora popular, do incentivo à leitura, das brincadeiras de roda e da capoeira.

Não achei que eu seria, quase que para sempre, uma mulher do campo. Achei que estaria na cidade. Morei em Salvador e conheci uma turma que estava indo para a Chapada Diamantina, juntei com essa turma e cheguei novamente no campo. Lá encontrei uma diferenciação do campo Paranaense que eu conheci - dito moderno, como muitas máquinas, plantações grandes, monoculturas. Encontrei uma cultura rica...de produzir rapadura, de juntar aquela roda de mulheres para descascar



mandioca para fazer farinha, as casas de farinha. Foi muito bacana ver essa cultura preservada!

Nessa comunidade eu tive contato com a bioconstrução. Digo que aquilo tudo foi uma prévia para a gente chegar aqui.

Aí fomos aprendendo as técnicas daqui, fizemos uma casinha de palha, aí outra palha, da Palmeira Indaiá. Aprendemos a fazer parede de esteira barreada. Fomos lidando com os recursos locais, pois os recursos financeiros eram conquistados lá em Belo Horizonte e a gente fazia esse dinheiro render para construir a nossa casinha. Tem 24 anos que a gente está aqui.

A minha espiritualidade está muito ligada à terra, a essas energias que a gente sente, vê, toca. Mas também com essa conexão com o céu, com as estrelas, essas energias mais distantes. O Pai do Céu e a Mãe Terra. Vejo a terra como a nossa mãe! A nossa igreja é o coração!



ELZA

Sou Elza, agricultora agroecológica na comunidade do Capão do Berto, município de Jaboticatubas. O que mais gosto de fazer aqui é plantar horta e passar o tempo com a minha família. A gente faz de tudo um pouquinho, planta milho, feijão, feijão miúdo, feijão andu [ou guandu], amendoim, banana, mandioca, mamão, abóbora, cebola, alho e horta. De tudo que a gente planta, o que sobra, a gente lava para feira; primeiro, o consumo.

Plantar horta, para mim, é terapia. Às vezes, estou aqui, meio cansada e estressada, vou lá para horta e volto com a cabeça mais fresca.

MULHERES EM RODA

Eu acho essencial e revolucionário. Eu sempre digo que acho muito pouco um homem e uma mulher e as crianças serem uma família, precisamos ter referências muito maiores. A gente precisa dividir esses conhecimentos que voltam para o nosso autoconhecimento, para a nossa saúde interior, para a nossa saúde mental. Isso tudo vem de um grupo, a gente não consegue isso sozinha.





MULHERES EM RODA

Os encontros mostraram o valor que a gente tem como mulher e que é importante a gente tirar um momento para pensar só na gente. Esquecer um pouco a família e pensar na gente como mulher. Se valorizar, a gente é importante, a gente tem valor. Cada uma tem uma história bonita, um momento importante que a gente soube conquistar nosso espaço.



Faço, também, os processados: biscoitos, a rosca de mandioca, polvilho da mandioca, biscoito de polvilho, farinha de mandioca, farinha de amendoim, rapadura de amendoim, óleo de coco macaúba. É assim: eu planto as coisas e processo elas.

A terra é vida! De onde eu tiro o sustento da minha família. A experiência que eu tenho com a terra é que, para gente ter o alimento da terra, a gente tem que alimentar ela também. Se você maltrata a terra com desmatamento e queimada, ela não vai te dar nada em troca. A gente tem que cuidar e preservar sempre a terra.





JOANA

Sou Joana D'arc, agricultora familiar da comunidade de Aroeiras, município de Itaguara. Trabalho com agroecologia e faço várias coisas: rapadura, quitandas, mexo na roça e na horta. Sou uma mulher batalhadora, corro atrás dos meus objetivos. Quero passar o que eu tenho de experiência de geração para geração. Não meço esforços para aprender mais, não tenho preguiça.

Quero chegar muito mais longe do que onde estou, eu vim de um começo de quase nada, fui transformando, aos poucos, e cada dia acreditando mais.

A terra significa luz, porque é de onde vem o nosso sustento. É tudo, pois se não existisse a terra, a gente não conseguiria sobreviver. É trabalho, é amor, é luta. A terra nos dá!

Eu vim do veneno, meu pai plantava hortaliças para a Ceasa, aconteceram alguns fatos. O veneno era tão forte para a gente, que o nosso corpo ficava com o cheiro dele. Meu irmão começou a ter epilepsia. Depois que meu irmão passou mal, eu decidi que eu não queria mais mexer com coisas químicas, com veneno. Casei e vim para essa terra, comecei a plantar sem veneno, só na enxada e, depois, conheci a agroecologia. Aprendi a mexer na terra de uma forma e a agroecologia veio e transformou.



Mexer na terra é uma terapia, ela te revigora. Igual ela dá força para uma planta, ela nos dá força. Você esquece alguns problemas do momento. A terra é força! Tudo na terra eu gosto de fazer, eu tenho amor.



MULHERES EM RODA

Para mim, significa muito, um aprendizado de histórias, de luta de todas as mulheres. Cada uma tem o seu jeito de trabalhar. Às vezes, você está com alguma dificuldade para fazer algum produto e aprende a adaptar; com a informação que a outra te passou, você consegue fazer de uma nova forma. Cada uma está com uma dor, uma mágoa... Você conversa, desabafa e acaba tirando algumas coisas. Uma tira da outra e uma ajuda a outra. Para mim é importante!



LEIDIANE

Sou Leidiane, mulher, mãe e agricultora no município de Itaguara. A vida inteira fui criada nesse processo, só não sabia desse nome: agroecologia. Nessa fase da vida, ainda estou me descobrindo, diferente de outras mulheres que a gente conhece, que já sabem. Estou, ainda, em construção, procurando ser uma pessoa que vive em sintonia com as pessoas e com a vida.



Sou inconformada com o jeito que a gente vive hoje e queria viver em um mundo menos injusto. Quando eu vim, de fato, morar na roça, tive que repensar muitos processos da minha vida, porque é um ritmo de vida muito diferente. Quando você repensa os processos, você repensa também o que deseja e quer lá para frente. Eu sou formada em direito e queria ser procuradora, mas agora isso nem passa pela minha cabeça.

É muito gratificante trabalhar com a terra e fazer alimentos para as pessoas. É onde você consegue transmitir uma energia, essa simbiose que tem com a terra e renovação que ela traz. Se você está em um dia ruim, que aconteceu alguma coisa que te chateou, você planta e quando volta já está com outro aspecto. Ela tem esse poder curativo e regenerativo.

Ela não te pede nada em troca, além de respeito. Isso eu aprendi depois que comecei a ter um cotidiano com a terra. Ela vai florir, vai te dar alimento. Isso que eu passo para o Bento, meu filho, o respeito que precisamos ter com a vida, com as pessoas e com esse curso.

MULHERES EM RODA

As mulheres na minha vida sempre foram muito presentes, muito marcantes. Estar com outras mulheres, com tantas histórias diferentes, com tantas cargas e experiências, edifica mesmo. Todo encontro que a gente tem a oportunidade de dividir é um negócio que me preenche. Com mulheres é muito mais potente, a gente tem uma empatia. A gente se vê na outra. Quando a gente junta um tanto de mulher, a chance de transformação é muito maior.



Igual essa abobrinha aqui, é lá da casa da Sirlene. O Lau falou: "Leva abobrinha!", aí você troca abacate. Você não compra verdura aqui, quando você não tem, o vizinho tem. Isso é muito importante.

A terra é uma benção e tem muita fartura. De primeira, eu não tinha habilidade nenhuma, hoje já consigo cuidar, olhar se precisa colocar adubo, se tem um bichinho. Às vezes, eu nem ia no quintal, hoje, não... Se é para plantar, estou lá, mexo na horta e trato da terra com muito mais carinho do que quando eu cheguei aqui.

ISABEL

Sou Isabel, moro no povoado de Florentina, em Bonfim, há 23 anos. Morava em Belo Horizonte, mas, agora, vou só a passeio. Gosto de mexer com as plantas; na verdade, estou aprendendo. Sou presidente da Associação e atuo na igreja, sou envolvida com muitas coisas aqui.

Eu morava em Belo Horizonte e nem cumprimentava os vizinhos direito; hoje, aqui, nós somos uma família. A gente ri e chora junto. Gosto de receber as pessoas e estar na muvuca. O que mais me marca, aqui, é a convivência de comunidade.



Quando eu cheguei, queria o quintal limpo, quantas vezes eu já queimei as folhas, sapecava até as frutas dos pés. Tenho várias espécies de frutas. O freezer da Associação está cheio de polpas. Se você cuidar, o retorno vem.

MULHERES EM RODA

É uma força. É muito bom, uma ajuda a outra. Quando você está desanimada com uma coisa, a outra vem animando. E você aprende demais! Você vê pessoas com bem menos que a gente que conseguem fazer bem mais. A gente aprende muito de estar juntas. Só coisa que te acrescenta! Eu acho muito importante e vale a pena!



SIRLEI

Sou Sirlei Angela Vilaça Carmo, moro em Florentina, município de Bonfim, e tenho 42 anos. Sou casada com o Dárcio há 24 anos, sou mãe da Michele e da Mariana. Mexo com verduras no sistema agroflorestal, faço entregas toda semana na minha cidade. Gosto muito de viver as coisas boas que Deus deixou.

A natureza, sou apaixonada por ela, pelas plantas, pelas flores. Gosto de saborear os sabores verdadeiros que vêm da terra. Gosto de viver a minha fé, ajudar o próximo, de celebrar a vida, de fartura e de produzir o alimento com sabor e qualidade.

A terra, para mim, significa riqueza, porque dela você tira o alimento e o sustento. Mesmo eu morando eu um pedacinho pequeno, eu tenho uma fartura de alimentos, tanto para mim quanto para os outros. Tenho plantas, porco, galinha. A terra é o bem maior. Acho que, cada dia mais, a gente tem que amar, respeitar e cuidar da natureza que Deus nos deixou!

Você vê um grãozinho tão pequeno brotando da terra, depois, dá aquela árvore e, dela, sai tantos frutos. Quando eu faço o meu café, é uma coisa boa e de qualidade.

A terra me lembra muito o meu pai e a minha mãe. A gente era de uma família grande, não tinha muito o que comprar. Ele plantava, junto, o milho, o feijão e a abóbora. Me traz muito a minha infância, aquela alegria de ver o carro de boi cantando e chegando no terreiro. A gente pegava o milho e ia guardando; quando meu pai saía de perto, a gente subia e brincava de escorregador. Um sentimento gostoso!



MULHERES EM RODA

União, companheirismo, força. Cada uma tem o seu estilo, a sua crença, o seu jeito de ser, mas todas, ali, cultivando o bem, pensando no próximo. Aquela roda de mulheres contagiando a alegria, o amor, a esperança. Cada uma mostrando para outra uma receita, um jeito de cuidar e de aproveitar os alimentos de formas diferentes. É muito rico!



Gosto de fazer as quitandas porque aprendi com a minha mãe, muitos anos atrás, e me dá um pouco de renda. Quando as pessoas encomendam, eu faço e vendo.



NEUZA

Sou Neuza Francisca Nonato, tenho 58 anos, solteira. Moro na comunidade do Mato Grosso, em Catas Altas. Trabalho na área rural e faço de tudo um pouco, mas gosto mesmo é de fazer quitandas, temperos, vinho de jabuticaba. Sou tranquila, extrovertida, muito trabalhadeira. Adoro dançar, passear e ficar junto dos amigos.

A terra, aqui onde eu moro, significa tudo pra mim. É uma terra muito boa e produtiva. Tudo que eu planto, eu colho, e tenho vontade de plantar mais coisas, mas sou só eu e minha irmã que moramos aqui. Mas tudo que a gente planta, a gente colhe um pouco!





O vinho de jabuticaba, também aprendi com a minha mãe. Quando começou a Associação [de produtores artesanais de Catas Altas - MG], APROVART, eu comecei a produzir os vinhos e vender nas festas do vinho, por 08 anos. Quando minha mãe faleceu, eu parei de fazer, mas, quem sabe, um dia, voltarei a fazer.

MULHERES EM RODA

Gostei muito, foi muito bom, aprendi muitas coisas! Tem o grupo de todas, sempre vejo o que elas estão fazendo, fabricando. Algumas coisas, eu pego a receita e faço aqui, também. Me sinto valorizada de estar junto com elas, aprendendo e passando o que eu sei!



LIA

Sou conhecida como Lia, meu nome é Maria Aparecida, moro na comunidade de Bittencourt, no município de Catas Altas. A gente faz um pouco de cada coisa, mexe com plantação, colhe um tiquinho de cada coisa: mandioca, feijão... Quitanda, faço para despesa ou para alguma pessoa que pede. Amo esse caminho que eu sigo, desde pequena, aprendi com os meus pais.

Papai e mamãe são agricultores familiares, criaram a gente nessa área. Plantavam e criavam, só compravam querosene. Eu amo essa cultura que eu tenho. Faço porque eu gosto, com boa vontade, ninguém nunca me obrigou a trabalhar.

A terra significa muita coisa, porque, sem ela, a gente não vive. Deus fez a terra, não foi à toa: fez a terra para o ser humano sobreviver. Cada um com a sua consciência, com a sua capacidade, com a sua responsabilidade.

Saber aproveitar da natureza, não destruir. A terra é muito importante para nós. Saber cuidar dela, adubar do jeito que ela precisa. Se for pouca, ela não produz e, se passar, ela também não produz. Me sinto muito bem quando estou em contato com a terra e com as plantas. Se me levar para um apartamento, é igual me colocar dentro de uma gaiola fechada, porque eu gosto disso aqui.



MULHERES EM RODA

Significa muito, eu estava numa tristeza só e me ajudou bastante. Traz muita alegria e muita sabedoria. É uma família. Não foi só encontro, foi uma família. Pessoas de diferentes lugares que se juntam num lugar só e parece que forma uma família. Me senti bem acolhida!



GENOVEVA

Eu sou Genoveva, moro em Santa Bárbara. Faço quitanda, doce, conserva, geleia. Tento fazer um produto mais natural possível. Sou feirante, vou para a feira toda semana com a família.

A terra, para mim, é a minha vida, é o meu sustento. De onde eu tiro as frutas e os legumes para eu poder trabalhar e me sustentar. É uma alegria aquela alquimia entre as ervas e as plantas. Eu gosto de fazer essas misturas, comida diferente, e mostrar para as pessoas que a gente pode comer o mais natural possível. Faço questão de explicar como é o processamento.



É muito gratificante ver um pé de fruta produzindo e saber que dali você vai tirar o seu sustento. Você coloca no tacho e, quando envasa, está aquela coisa bonita e as pessoas gostam de comer aquilo. Eu quero deixar desses doces que eu faço, uma lembrança, não só para os meus filhos, mas para as outras pessoas também...Do doce de verdade, do temperinho de verdade. É da terra que eu me viro, é da terra que eu vivo!



MULHERES EM RODA

Estar em roda, para mim, é um espetáculo! Serve para eu me conhecer melhor, tentar ser mais calma. Estar com essa mulherada toda, cada uma de um jeito, cada uma com o seu jeito, é muito bom. Poderia ter mulheres em roda em todos os lugares, para a gente se conhecer e saber o que precisa melhorar. Eu entendi melhor coisas que estavam ocultas, saber a hora de falar... Saber das histórias de vida e lutas de cada uma foi uma motivação para a vida. Só de lembrar, já sinto uma saudade muito grande!



RECEITA DE CUBU SALGADO

POR HELENA GONÇALVES

Ingredientes

3 xícaras de chá generosas de fubá;
1 ½ xícara de farinha de trigo sem fermento;
½ colher de sobremesa (uma pitada) de bicarbonato;
1 colher de sobremesa de fermento em pó;
1 colher de sobremesa de sal;
250 g de manteiga;
2 ovos;
2 copos americanos de leite (caso necessário acrescentar mais ½ copo americano de leite);
100 gramas de queijo da sua preferência;
Opcional: Adicionar 150 gramas de bacon picadinho.

Modo de preparo

Colher a folha de bananeira, de preferência mais nova. Lavar com detergente neutro e bucha e enxaguar bem. Secar a folha com um pano bem limpinho. Cortar em quadrados de um palmo. Retirar a tira do meio da folha de bananeira. Reservar.

Misturar em um recipiente todos os ingredientes secos primeiro, depois acrescentar a manteiga, leite, queijo e ovos. Mexer com colher até virar um creme, aproximadamente 15 minutos.

Rechear cada quadrado com uma colher de sopa de creme e enrolar. Verificar o lado correto da folha, para evitar que desenrole ou quebre. Colocar no tabuleiro um ao lado do outro. Não é necessário untar o tabuleiro.

Assar por aproximadamente 25 minutos em forno, por 180° graus Celsius, sem necessidade de pré-aquecimento. Observar se a folha escureceu.

E já está pronto seu delicioso Cubu Salgado!



RECEITA DE FUNDOS

POR PATRÍCIA BRITO

Os fundos são compostos pela combinação de ossos, cartilagens, temperos e legumes que são fervidos e servem como base para uma variedade de pratos: sopas, molhos, guisados, assados, refogados e muito mais. Servem para temperar e enriquecer o sabor, o aroma e a composição nutricional das comidas, sendo uma alternativa saudável e econômica para substituir os temperos e realçadores de sabor químicos.

Modo de preparo

Fundo de osso de boi

Cortar, lavar e queimar o osso (geralmente é usada a pata). Para quem não tem fogão à lenha, pode queimar o osso no forno.

Após queimar, colocar o osso para ferver junto com legumes – de preferência os que não soltam amido para não roubar o sabor – cascas e folhas. O ideal é que ele seja feito no fogão à lenha e ferva por muitas horas para permitir que os nutrientes soltem aos poucos e fique concentrado.

Fundo de frango

Podemos usar as cartilagens e pés de frango, pois possuem muito colágeno. O processo é o mesmo do osso de boi, mas, nesse caso, não precisa queimar/assar. Para temperar podemos usar salsão, coentro, casca de alho e cebola.

Fundo de legumes

É mais leve, pode ser usado para aromatizar arroz, legumes refogados, sopa. Podemos usar qualquer legume, exceto os que têm amido, pois engrossa. Podemos usar também condimentos como noz moscada e pimenta. Forma de armazenamento: em vidro esterilizado e deixar na geladeira; em saquinhos de chup chup ou forminhas de gelo e congelar. Não é recomendado deixar em temperatura ambiente, pois como não leva conservantes, pode estragar rápido.

Forma de armazenamento: em vidro esterilizado e deixar na geladeira; em saquinhos de chup chup ou forminhas de gelo e congelar. Não é recomendado deixar em temperatura ambiente, pois como não leva conservantes, pode estragar rápido.

RECEITA DE CHÁ (BLEND DIGESTIVO)

**POR MAYAN MAHARISHI E ANA PAULA MATTOS
(COLETIVO MANGARA)**

Ingredientes

Plantas secas:
200g de hortelã
200g de capim limão
100g de casca de laranja ou folha de laranjeira

Materiais

Bacia
Tesoura
Balança
Embalagem Ziploc
Etiqueta

Modo de preparo

Em uma bacia pique todas as plantas e misture de forma homogênea. Lembre-se de retirar todo o material estranho e partes danificadas ou doentes. Com a balança, pese a quantidade da mistura que deseja e embale. Não se esqueça de etiquetar informando ingredientes, volume, data de fabricação e validade!



FICHA TÉCNICA

Autoras

Luzinete Fernandes Ribeiro
(Katorã Kamakã)
Alexandra Santos de Assis
Ana Maria Pereira de Souza
Elen Aparecida Costa
Claudineia Rodrigues da Silva
Magna Cristina de Oliveira
Marcilene Datas de Jesus
Júlia Machado Amaral
Helena Gonçalves da Silva Martins
Maria José Magaton
Maria de Fátima Nogueira
(Mame'tu Kitaloya)
Renata Cristina de Campos
Rosângela Simões Silva
Beatriz Cristina Caetano
Elizíara Pereira Coutinho
Elza Antônia de Souza Oliveira
Joana D'arc Teixeira de Oliveira
Leidiane Gomes Resende
Isabel Umbelina de Souza
Sirlei Ângela Vilaça Carmo

Neuza Francisca Nonato
Maria Aparecida Lopez Muniz
Genoveva do Nascimento Borges Pena
Lorena Anahi Fernandes da Paixão

Organização e edição

Lorena Anahi Fernandes da Paixão

Fotografias

Lorena Anahi Fernandes da Paixão

Projeto gráfico

Ghiulia Cabral Martins

Revisão

Thalita Rody
Laura Barroso Gomes

Revisão ortográfica

Thalita Rody

Realização



Apoio



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulheres em roda : agroecologia, memória e saúde /
[organização Lorena Anahi Fernandes da Paixão].
-- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG : Rede de
Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, 2024.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-992538-2-9

1. Agroecologia 2. Fotografias 3. Memórias
4. Mulheres na agroecologia - Belo Horizonte (MG)
5. Mulheres - Fotografias 6. Mulheres - Biografia
7. Mulheres - Histórias de vida 8. Saúde I. Paixão,
Lorena Anahi Fernandes da.

24-217590

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : História de vida : Biografia 920.72
Aline Grazielle Benítez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Essa publicação foi realizada pela Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE) a partir do projeto “**Mulheres em Roda: agroecologia, memória e saúde**” Termo de Fomento nº 929393/2022, celebrado com o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome.

A REDE é uma organização da sociedade civil, que colabora e fomenta ações com mulheres na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Valoriza as práticas tradicionais alimentares, ressignifica a relação com a natureza e está comprometida com a justiça climática, com a luta antirracista e contra toda forma de preconceito.





MULHERES
EM RÔDA

Realização



Apoio

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
E ASSISTÊNCIA SOCIAL,
FAMÍLIA E COMBATE À FOME

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO